

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA - LICENCIATURA

**ESPORTES TÉCNICO-COMBINATÓRIOS NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO  
FÍSICA: proposta de unidade didática a partir da patinação artística**

Luiza do Amaral Corá

**Porto Alegre**

**2024**

Luiza do Amaral Corá

**ESPORTES TÉCNICO-COMBINATÓRIOS NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO  
FÍSICA: proposta de unidade didática a partir da patinação artística**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Escola de Educação  
Física da Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul como requisito  
para a obtenção do título de  
Licenciada em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Alex Branco Fraga

Porto Alegre

2024

**Luiza do Amaral Corá**

**ESPORTES TÉCNICO-COMBINATÓRIOS NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO  
FÍSICA: proposta de unidade didática a partir da patinação artística**

Conceito final: A

Aprovado em 8 de fevereiro de 2024

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr Guy Ginciene

---

Orientador – Prof. Dr Alex Branco Fraga UFRGS

## AGRADECIMENTOS

O meu primeiro agradecimento vai para os meus pais que me proporcionaram todas as condições para uma educação de qualidade, mas principalmente, a liberdade para escolher o meu caminho e buscar os meus sonhos. Ao meu pai, seu Raul, que me levava para patinar aos finais de semana e final do expediente, enquanto ele jogava futsal, atendendo a cada chamado de “pai, olha só o que eu consegui fazer!”. Sempre foi meu fã número um em tudo que me propus a fazer e me ensinou que é necessário dedicação para alcançar os objetivos. Hoje é o meu aluno mais teimoso, mas o mais inspirador ao mostrar que sempre há tempo para mudar.

Agradeço a dona Zezé, minha mãe, que acompanhou incansavelmente cada show e competição, mergulhando de cabeça junto comigo no universo da patinação. Ela é a responsável por eu ser apaixonada por um estilo de vida ativo, minha inspiração e parceira número um de atividade física. Graças a ela, aprendi a ser uma mulher forte e perseverante, encarando os desafios com a certeza de que irei vencê-los. Hoje ela é a minha aluna mais dedicada e me inspira a sempre buscar o melhor para mim.

Ao meu irmão, que compartilha comigo a paixão pelo movimento e pela música, mas cada um na sua respectiva área. Foi dele que surgiu a inspiração que me fez buscar uma graduação na UFRGS.

Ao meu namorado e companheiro de vida, Dani, que chegou logo no início da minha graduação e esteve ao meu lado desde então. Com ele dividi as alegrias e angústias do curso, sendo o meu suporte nos momentos mais difíceis, não deixando eu desistir e sempre me incentivando a conquistar o meu diploma.

Aos amigos do início do curso, que compartilharam todos os sentimentos de um bixo recém chegado na universidade e que ajudaram a mudar muitos estigmas de uma menina do interior. Também agradeço aos amigos do final do curso, Bruno e Ramiro, que foram de extrema importância para que eu retomasse e finalizasse a graduação após os anos de pandemia. Graças a eles, encontrei o Alex como orientador, ao qual sou profundamente grata por me guiar, auxiliar a persistir ao

longo do TCC e reconhecer o meu potencial enquanto escritora.

À grande amiga que a patinação me deu, Marceli, que viveu comigo muitos dos momentos mais emocionantes para mim dentro do esporte e compartilha essa paixão ardente que é a patinação. Além de colega, professora e amiga, ela foi inspiração na minha escolha em trilhar o caminho da educação física, compartilhando mais uma paixão comigo. Também, agradeço a todos os colegas e mestres que cruzaram meu caminho na patinação artística nesses vinte e dois anos de envolvimento.

Por fim, agradeço às alunas da patinação que estiveram comigo ao longo da graduação, possibilitando colocar a teoria em prática e buscar o melhor que eu tenho a oferecer a elas.

## RESUMO

Os esportes técnico-combinatórios não figuram entre os mais populares nas aulas de educação física, mas podem ser uma alternativa para evitar o ciclo vicioso das modalidades tradicionais. Este trabalho tem como objetivo geral apresentar uma proposta de Unidade Didática para trabalhar os esportes técnico-combinatórios na educação física escolar a partir da patinação artística. O primeiro capítulo reúne reflexões acerca das experiências acadêmicas que viabilizaram a construção de uma proposta didática e também sobre os esportes técnico-combinatórios e a patinação na educação física escolar. O segundo capítulo trata da estrutura da proposta didática e os conteúdos que a constituem, com informações detalhadas para quem não conhece a modalidade e sugestões de atividades a serem desenvolvidas pelos docentes.

**Palavras-chave:** Técnico-combinatório. Patinação Artística. Educação Física Escolar.

## **ABSTRACT**

Technical-combinatorial sports may not be the most popular choice in physical education classes, but they offer an alternative to break the cycle of traditional modalities. This research aims to introduce a scholar unit for working with technical-combinatorial sports in school physical education, focusing on artistic roller skating. The first chapter reflects on academic experiences that facilitated the development of this instructional unit, as well as on technical-combinatorial sports and artistic roller skating in school physical education. The second chapter outlines the structure of the scholar unit and its constituent contents, providing detailed information for those unfamiliar with the sport and suggesting activities for teachers to implement.

**Key words:** Technical-Combinatorial. Artistic Roller Skating. School Physical Education. Figure Skating.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I.....	11
1. CURRÍCULOS ESEFID.....	11
2. BAGAGEM ACADÊMICA.....	13
3. OS ESPORTES DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	14
3.2. A PATINAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	16
CAPÍTULO II.....	17
PROPOSTA DIDÁTICA.....	17
1. CONCEITOS NORTEADORES.....	17
2. CLASSIFICAÇÃO DOS ESPORTES.....	19
3. ESPORTES TÉCNICO-COMBINATÓRIOS.....	20
4. PATINAÇÃO ARTÍSTICA.....	21
4.2. ATIVIDADE SUGERIDA.....	26
5. TRADUZINDO MOVIMENTOS.....	26
5.2. FIGURAS DE ALONGAMENTO.....	26
5.3. GIROS.....	28
5.4. SALTOS.....	28
6. SISTEMA DE JULGAMENTO DA PATINAÇÃO ARTÍSTICA.....	29
6.2 SISTEMA ROLLART: SOMANDO PONTOS.....	30
6.3. SISTEMA ROLLART - JULGAMENTO.....	31
6.4. ATIVIDADE SUGERIDA - JUÍZES.....	31
6.5. ATIVIDADE SUGERIDA - ATLETAS.....	32
6.6. ATIVIDADE SUGERIDA - ENCERRAMENTO.....	33
7. UNIDADE DIDÁTICA.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37
ANEXOS.....	41



## INTRODUÇÃO

A Patinação Artística (PA) é o esporte que está presente em minha vida desde os meus quatro anos, uma paixão que já dura uma vida inteira. Foi a convite de uma amiga, alguns anos mais velha, que fui assistir ao meu primeiro show de patinação e não poderia ter sido mais encantador: luzes coloridas, músicas animadas, coreografias sobre filmes e desenhos que eu gostava de assistir, e tudo isso sobre oito rodas. Pouco tempo depois já me envolvi com o meu segundo show, mas dessa vez calçando os patins e fazendo parte dele. Ali me apaixonei de vez ao estar dentro da pista, no foco de todas aquelas luzes, dançando e fazendo os poucos movimentos que havia aprendido.

Meu claro interesse pela prática e minha desenvoltura ao realizar os movimentos, motivaram minha professora a me convidar para ingressar na equipe de competição, mas meus pais achavam muito cedo e foram relutantes em aceitar. A fim de proporcionar um pouco do que poderia ser a experiência competitiva, recebi a oportunidade de fazer um solo em meu terceiro show e foi ao sair de uma caixa de presentes como elemento surpresa e interpretando uma boneca ao som de “Além do arco-íris” da Luiza Possi, que me encantei por mais uma camada da patinação: ter a pista toda para que eu pudesse mostrar tudo o que sabia fazer. Essa foi a “porta de entrada” para que eu pudesse conhecer a PA como esporte e querer superar ainda mais os desafios que me eram propostos. Foram sete anos consecutivos escolhendo músicas para interpretar, figurinos para auxiliar a contar as histórias e muito treino para refinar os elementos competitivos, sempre entrelaçado com o viés lúdico dos shows de final de ano.

Aos 14 anos encerrei meu primeiro ciclo com a PA, pois infelizmente não era mais possível conciliar os treinos com a grade escolar. Meu encontro com o esporte não se deu dentro das aulas de Educação Física (EF), mesmo se tratando de uma instituição privada e localizada em uma região em que a prática era popular e contava com atletas de nível nacional e internacional. Em uma das poucas oportunidades que tive de representar a PA dentro do ambiente escolar, percebi a falta de conhecimento da minha professora sobre o assunto, ao constatar que ela não sabia nem qual o piso adequado para a prática. Nos anos finais do Ensino Médio, recebi a oportunidade de retornar à patinação para auxiliar no treinamento de

uma equipe competitiva e vivenciar a experiência que me possibilitou trilhar o caminho até a graduação em EF. O meu envolvimento com a Patinação me fez buscar uma graduação em EF, e a UFRGS me apresentou a licenciatura, como explicarei mais abaixo.

Ao longo da graduação pude perceber que muitos colegas sabiam da existência da PA, a maioria em virtude de algum conhecido que fizesse a prática, mas pouco sabiam sobre como ela funciona. Também pude observar em meus estágios obrigatórios a predominância ainda significativa dos famosos esportes do “quarteto fantástico” (futebol, basquetebol, voleibol e handebol) e a dificuldade que os professores têm em ampliar o repertório de práticas corporais dos alunos. A discussão sobre a aplicação exclusiva das mesmas práticas é antiga, e já foi abordada por Betti (2001), ao evidenciar que propostas para introdução de diferentes esportes e atividades em aula já existiam, mas que percebia resistência dos professores em aplicá-las. Uma das hipóteses levantadas foi “Talvez o receio de mudar ocorra pela insegurança dos professores em relação a conteúdos que não dominam, e desta forma trabalham com o que possuem mais afinidade”.

No trilhar da Licenciatura, me deparei com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e descobri que esportes como a Patinação estão previstos para serem trabalhados nas escolas dentro da unidade temática “Esportes”, como uma das suas classificações. A categoria Técnico-Combinatório traz como alguns dos exemplos a própria PA. Além da falta de acesso e informações sobre essas práticas, também nunca me foi apresentado o conceito da classificação dos esportes em minha experiência escolar.

Documentos como a BNCC e Referenciais Estaduais vêm sendo elaborados a fim de mudar essa realidade ao disponibilizar informações sobre os mais diversos conteúdos que podem ser abordados em aula. A elaboração de uma Unidade Didática centrada nos esportes Técnico-Combinatórios com foco na PA pode ser mais uma ferramenta nas mãos dos docentes para a materialização do que tem sido preconizado nos documentos curriculares brasileiros nas aulas de EF: a oferta diversificada de práticas corporais sistematizadas.

No primeiro capítulo descreve resumidamente a transformação dos currículos da ESEFID até eu ingressar no curso. Em seguida discorro sobre as experiências acadêmicas que despertaram a ideia da temática e que me possibilitaram adquirir os conhecimentos necessários para elaborar uma Unidade Didática. O segundo

capítulo aborda a estrutura da proposta didática, apresenta uma fundamentação teórica dos conteúdos abordados (classificação dos esportes, esportes técnico-combinatórios, características da PA e o sistema de julgamento), sugestão de atividades para trabalhar os conteúdos e a Unidade Didática em si.

## **CAPÍTULO I**

### **CONSTRUINDO SABERES**

#### **1. CURRÍCULOS ESEFID**

Ao olhar para a minha trajetória, afirmo que a UFRGS me apresentou um lado da Licenciatura na EF que eu desconhecia, e isso ocorreu em virtude do currículo vigente à época do meu ingresso. Para compreender melhor esse ponto, é necessário olhar também para a transformação dos currículos de EF da ESEFID ao longo dos anos, destacando o momento do meu encontro com a instituição. Para dar conta de apresentar o panorama das alterações curriculares mais significativas em nossa escola, valho-me do artigo “Alterações curriculares de uma escola septuagenária: um estudo sobre as grades dos cursos de formação superior em Educação Física da ESEF/UFRGS” (FRAGA et. al., 2010) como base desta seção.

O primeiro currículo data do surgimento da ESEFID, em 1940, quando ainda não era federalizada. O Departamento Estadual de Educação Física (DEEF) era responsável pela gerência e implementou um currículo que seguia as exigências feitas a partir dos Decretos-Lei n. 1.212/ 1939 e n. 8270/1945. Era pautado em cima de três modelos de ensino: teórico, prático e exercício, com ênfase na instrumentalização prática, além de ser ministrado majoritariamente por médicos e militares.

A segunda grande transformação no currículo é impulsionada pelo processo de federalização da escola e da Reforma Universitária de 1968, que definiu um currículo mínimo dividindo as disciplinas em três conjuntos: fundamento biológico, matérias didáticas e matérias gímnico-desportivas. Apesar de já estar em discussão uma formação com viés mais pedagógico, a reforma enfatizou a escassez de técnicos desportivos e, com o intuito de fomentar a formação de tais profissionais, incorporou a habilitação de Técnico Desportivo à de Licenciado em EF. É nesta época que surge a obrigatoriedade do discente escolher duas disciplinas de

desporto entre as oferecidas pela instituição.

As mudanças de 1970 pareciam caminhar para a união do profissional de EF e do Licenciado em EF, mas na prática passou a fomentar ainda mais a separação entre os dois campos ao ponto de, em 1987, o Conselho Federal de Educação publicar a Resolução 3/1987, que instituiu a divisão do curso de EF em licenciatura e bacharelado. Mesmo podendo dividir o curso, a ESEFID optou por seguir com um único curso, ofertando uma formação fluída com grande quantidade de créditos eletivos que possibilitaram a cada aluno escolher o caminho que preferia trilhar.

Ainda que a ESEFID optou por permanecer apenas com o curso de Licenciatura, o campo da mesma seguia perdendo espaço e, em 2004, a Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação (CNE) publicou a Resolução n. 7/2004 que instituiu a divisão plena entre licenciatura e bacharelado, além de Diretrizes Curriculares para os cursos de EF. A instituição teve que agir rapidamente para atender às demandas e acabou por formular dois cursos muito parecidos e que se associavam mais ao currículo de Licenciatura que estava para entrar em desuso, do que estava pregado pelas novas Diretrizes.

Um currículo formulado com tanta pressa e inflexibilidade, tornou-se insustentável e os próprios alunos, através dos movimentos estudantis, exigiam melhor organização por parte da instituição, culminando na criação da Comissão de Reforma Curricular em 2007 e passou a atuar efetivamente em 2009. Após análises e também impulsionados pela adesão ao Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde (Pró-Saúde II) em 2008, o novo currículo buscou atender as demandas da comunidade, considerando o tradicional modelo de formação de professores e profissionais na área do esporte e lazer, além de incluir um novo campo de atuação na área da saúde.

O currículo implementado em 2012 permaneceu vigente até 2017, quando algumas disciplinas foram alteradas. Naquele modelo curricular, permanecia o ingresso único para licenciatura via vestibular. Em 2019, outra mudança curricular aconteceu. O ingresso para o bacharelado passou também a ser feito via vestibular, lembrando que no modelo anterior a entrada no curso se dava por ingresso de diplomado. Finalmente, a partir da publicação da Resolução CNE/CES n° 6 (BRASIL, 2018b) pelo CNE, que trouxe novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de graduação em Educação Física, um novo currículo foi implantado e permanece vigente. A alteração mais significativa é o ingresso único no

curso de graduação em Educação Física, configurado com uma etapa comum, criando uma área básica de ingresso (ABI). Na ABI os estudantes devem cursar as mesmas disciplinas até o quarto semestre. A partir dessa etapa, os estudantes deverão optar, de acordo com as possibilidades de vaga, entre a habilitação na licenciatura ou no bacharelado. (Dahlke; Fraga, 2024).

## 2. BAGAGEM ACADÊMICA

As alterações curriculares ao longo dos 84 anos da ESEFID tiveram como objetivo ofertar uma formação cada vez mais ajustada ao campo de atuação em cada época que desembocaram na configuração atual dos cursos de licenciatura e bacharelado com ingresso único e formação exclusiva em uma ou outra habilitação.

O meu percurso acadêmico esteve atravessado por dois desses projetos curriculares: o de 2012 e o de 2019. Ao escolher a UFRGS como a instituição que eu gostaria de desenvolver minha formação, tive que optar pela Licenciatura, pois era a única alternativa de ingresso via vestibular na época. A Licenciatura não era a área a qual desejava realizar minha graduação e não acreditava ter a capacidade para me desenvolver profissionalmente nela, mas os conteúdos das disciplinas, os relatos de experiência dos professores e a minha própria prática nos estágios mudaram a minha opinião.

Teoria e prática caminham juntas, em colaboração uma com a outra: “sem a luz das teorias não conseguimos ‘enxergar’ todas as riquezas que a prática nos traz” (Rosenbaum, 2014). As disciplinas de *Fundamentos da EF na Educação Infantil*, *Ensino Fundamental* e *Ensino Médio* discorreram sobre as faixas etárias que seriam atendidas em cada etapa, suas características e necessidades, além de estratégias para lidar com tais especificidades. Essas disciplinas também apresentaram estruturas básicas para o planejamento das aulas, alternativas de métodos de avaliação e uma rápida experiência no ambiente escolar. Os *Estágios Docentes* foram a extensão das disciplinas de Fundamentos e possibilitaram o aprendizado da “dosagem correta” dos mecanismos observados, mas principalmente escancararam a necessidade de se atentar à realidade de cada núcleo escolar.

Outra disciplina que enriqueceu a minha trajetória foi a de Pedagogia do Esporte, cursada no Ensino Remoto Emergencial da UFRGS, em virtude da

pandemia de COVID-19. A partir dela aprendi os mecanismos que são essenciais para ensinar as práticas esportivas para além dos gestos técnicos, utilizando-as como meio para ensinar valores e proporcionar o desenvolvimento integral dos alunos. Outras disciplinas em que o conceito de pedagogia do esporte esteve presente e amparou as metodologias de ensino, foram as relacionadas a alguma modalidade esportiva específica, destacando *Atletismo* e *Basquetebol* como as mais importantes. Em ambas os professores apresentaram estratégias para inserir as modalidades na realidade escolar, adaptando e criando atividades que trabalhassem o padrão motor exigido com ludicidade e que estimulassem a capacidade de resolução de problemas, buscando desvincular o viés da esportivização. Foi a partir das propostas desses professores que consegui vislumbrar a possibilidade da aplicação da PA no contexto escolar.

Para além das teorias colocadas em prática, os debates e rodas de conversa propostos em aula com os relatos de experiência de professores e colegas, foram provocativos e incentivadores para pensar em estratégias variadas na elaboração dos planos de aula. Apesar das experiências proveitosas até então, a compreensão macro de como organizar as aulas no cotidiano escolar só foi clarificada ao final do curso, na disciplina de *Currículo e Planejamento na Educação Física Escolar*. As propostas apresentadas pelo professor possibilitaram visualizar um modelo de organização para atender aos objetivos de cada etapa conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Amparado pelo Referencial Curricular - Lições do Rio Grande (2009), desenvolvemos um Plano de Estudos (PE) para uma instituição à nossa escolha. Partindo da pesquisa sobre a função social, infraestrutura e visão sobre EF da escola alvo do PE, definimos as expectativas de aprendizagem e os temas e subtemas estruturadores. Na etapa seguinte, direcionamos o nível de ensino e qual o nível de proficiência esperado para cada tema/subtema, se seria algo que exigisse certo domínio e autonomia do aluno sobre ou algo apenas experimental. Também delimitamos qual seria Progressão Curricular considerando a capacidade cognitiva, a “lógica de complexificação espiralada” e o contexto social, tal como preconiza o referido referencial, além de encontrar um equilíbrio adequado entre o tempo disponível para as aulas e o tempo necessário para desenvolver as temáticas escolhidas. Por fim, definimos os conteúdos e competências de cada ano abrangido pelo nível.

Montar um “quebra-cabeça” com alto grau de complexidade como esse, torna mais objetiva a construção das estruturas micro que o compõem, como o outro desafio proposto na disciplina: a elaboração de uma Unidade Didática (UD). Assim como no PE, foi necessário delimitar a temática, os objetivos e conteúdos de maneira coerente com o tempo disponível. A partir disso, foi determinada uma atividade disparadora a ser trabalhada na primeira aula da UD, as demais atividades que estariam presentes ao longo dela e também a atividade de encerramento, além do método de avaliação. Essas atividades deram sentido aos tantos planos de aula elaborados em disciplinas anteriores e também os recursos necessários para elaborar uma proposta que fosse capaz de fazer a PA uma realidade dentro da EF escolar.

### **3. OS ESPORTES DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Os Esportes fazem parte do currículo da EF e têm se caracterizado como o saber que norteia as práticas curriculares dos professores. Ilha e Hypolito (2016) destacam uma maneira específica de dizer e ver os esportes, geralmente atribuídos a um grupo restrito de esportes coletivos e trabalhados com ênfase em aspectos do alto rendimento, como a competitividade e o grau de habilidade. Tal visão, infelizmente, esteve presente em algumas práticas docentes nas escolas em que estagiei, o que contradiz o que nos foi ensinado em disciplinas como pedagogia do esporte. Esse grupo contempla os esportes tradicionais, popularmente chamado entre os professores de “quarteto fantástico”, e se refere ao futsal, voleibol, handebol e basquetebol. Barroso e Darido (2019) destacaram a pouca diversidade das modalidades em um estudo sobre a aplicação de um modelo de classificação dos esportes na EF escolar, assim como encontraram essa característica presente em mais estudos como Rodrigues (2009, p 12). Além disso, afirmam:

Entende-se que, o fato de limitar o trabalho pedagógico a um número reduzido de modalidades esportivas restringe as possibilidades de conhecimento dos alunos referente a um elemento da Cultura Corporal de Movimento tão determinante na história da humanidade

Mendel (2023) também acredita que a oferta de atividades limitadas às modalidades tradicionais possa ser a causa do aumento do desinteresse dos alunos nas aulas conforme o avanço dos anos escolares. Outro fator importante a ser

destacado é que as práticas tradicionais não contemplam por completo a proposta feita pela BNCC para a Unidade Temática Esportes (UTE), que visa trabalhar o esporte tanto em suas manifestações mais formais, quanto derivadas. A UTE está prevista para ser trabalhada ao longo dos nove anos do Ensino Fundamental e é composta por sete categorias pautadas na lógica interna das modalidades, agrupando práticas de ações motrizes semelhantes. Das sete categorias, apenas duas são contempladas na lógica do “quarteto fantástico”, o que está longe da variedade prevista para a educação básica:

É fundamental frisar que a Educação Física oferece uma série de possibilidades para enriquecer a experiência das crianças, jovens e adultos na Educação Básica, permitindo o acesso a um vasto universo cultural [...] Para além da vivência, a experiência efetiva das práticas corporais oportuniza aos alunos participar, de forma autônoma, em contextos de lazer e saúde (Brasil, 2018)

Na contramão das definições tradicionais, Matos (2020) traz luz aos esportes alternativos e os define como práticas com pouca visibilidade na mídia ou que necessitam de materiais mais especializados ou diferenciados. Associa como benefícios o maior engajamento por parte dos alunos, a ampliação do repertório motor e o estímulo à autonomia, proporcionando as mais variadas vivências e deixando a critério do discente decidir o que se encaixa melhor na sua realidade.

Como exposto acima, a oferta de modalidades esportivas diferenciadas é exceção no contexto escolar, deixando lacunas do ponto de vista do que está previsto para a educação básica. Desta forma, uma unidade didática pautada no conceito de classificação dos esportes proposto pela BNCC, com foco em um esporte Técnico-Combinatório não tradicional visa ofertar aos professores uma alternativa estruturada para fugir de um ciclo vicioso.

### **3.2. A PATINAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

A PA é um esporte pouco disseminado no Brasil, tendo apenas onze federações estaduais filiadas à Confederação Brasileira de Hóquei e Patinação (CBHP), como apresentado por Bungi em 2017 e mantido até 2023. Acerca da relação entre patinação e a educação física escolar, Bungi (2017) e Pardo (2015) foram os achados mais relevantes dentro das poucas produções existentes, fato



também constatado por ambas as autoras. Pardo (2015) apresentou os benefícios da modalidade, assim como três programas de ensino, através de uma revisão bibliográfica. Dos três programas, apenas o do autor argentino Nicolás (2011) era desenvolvido exclusivamente para o ensino da patinação na escola, mas dependente do uso do patins pelos alunos, amparado pela popularidade da patinação de rua que ocorria no país naquele momento. Já o trabalho de Bungi (2017) interpretou a narrativa de oito professores de patinação através de entrevistas, a fim de entender como se forma um profissional da área e também as possibilidades de aplicação nas aulas de educação física. A autora concluiu que a prática seria viável, se ministrada por professores que tenham domínio sobre ela.

...a patinação pode ser inserida na educação física escolar num primeiro momento de forma cultural, apresentado a prática e sua história aos alunos para que primeiro eles entendam como funciona e como pode ser praticada. Após, de forma mais lúdica, fazendo os alunos experimentarem a sensação de andar de patins. Depois, se for possível e dependendo do andamento da turma, introduzir uma sequência pedagógica de exercícios simples que possam ser praticados por todos. E por fim, talvez montar alguma coreografia ou propor que os próprios alunos montem e apresentem aos colegas, professores ou até para os pais, caso sintam-se aptos (p. 30)

De fato, o ensino dos movimentos sobre as rodas demanda domínio por parte do professor, mas essa não é a única forma de se conhecer um esporte. A cada quatro anos é feita a transmissão dos Jogos Olímpicos de Inverno e esportes como Snowboard e Curling são apreciados por países que não possuem clima condizente com as práticas. Acredito que, em posse das informações e ferramentas de ensino adequadas, qualquer professor possa apresentar novas práticas aos seus alunos. Assim, inspirada pela progressão proposta por Bungi e compreendendo que, para a realidade brasileira, é necessário incluir uma etapa anterior ao que foi proposto por Nicolás na Argentina, essa Unidade Didática visa auxiliar professores a introduzirem os esportes técnico-combinatórios no contexto das aulas de educação física através da PA, independente de terem vivenciado a prática. Busquei reunir as principais informações acerca da origem, características e sistema de julgamento, além de propor adaptações para a execução dos movimentos sem patins. As informações que aqui constam foram reunidas pensando em proporcionar uma fundamentação teórica para que a partir delas o professor desenvolva atividades adaptando à sua realidade.

Para aqueles que tiverem interesse em aprofundar os conhecimentos, ou montar aulas com elementos mais específicos, recomendo buscar algum profissional da área e disponibilizo o site<sup>1</sup> da Confederação Brasileira de Hóquei e Patinação (CBHP). Nele constam as federações filiadas, seus respectivos estados e contatos. A partir dessas entidades, o professor pode encontrar o contato de algum profissional ou escola de patinação próximos a sua região.

## **CAPÍTULO II**

### **PROPOSTA DIDÁTICA**

#### **1. CONCEITOS NORTEADORES**

O objetivo desta Unidade Didática está delimitado através das seguintes competências específicas da BNCC:

8. Usufruir das práticas corporais de forma autônoma para potencializar o envolvimento em contextos de lazer, ampliar as redes de sociabilidade e a promoção da saúde.
9. Reconhecer o acesso às práticas corporais como direito do cidadão, propondo e produzindo alternativas para sua realização no contexto comunitário.
10. Experimentar, desfrutar, apreciar e criar diferentes brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais de aventura, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo (BRASIL, 2018)

Buscamos aqui o viés da experimentação e fruição<sup>2</sup>, não do desenvolvimento técnico da modalidade, por isso os patins não serão materiais essenciais para as aulas. Tal decisão pode parecer polêmica por abrir mão do instrumento principal, mas se justifica ao entender que para se experimentar uma prática não é necessário vivenciar ela exclusivamente da maneira formal: “não se trata de fazer com que todas as aulas da Unidade aconteçam dessa forma, duas ou três já são o suficiente para atingir o objetivo da experimentação” (González e Fraga, 2012, p 41).

Além disso, entendo o patins como um fator limitante ao alcance dessa proposta, por se tratar de um instrumento de alto valor. Uma vez que os patins não são material essencial ao desenvolvimento dessa UD, estimulamos alunos e professores a encontrarem alternativas<sup>3</sup> para adaptarem a modalidade à realidade

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.cbhp.com.br/>

<sup>2</sup> (EF67EF03) Experimentar e fruir esportes de marca, precisão, invasão e técnico-combinatórios, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo (BRASIL, 2018).

<sup>3</sup> (EF67EF07) Propor e produzir alternativas para experimentação dos esportes não disponíveis e/ou

das escolas, ampliando a viabilidade da aplicação desta UD. Esta visão está de acordo com as habilidades a serem desenvolvidas para a unidade temática esportes da BNCC:

(EF67EF03) Experimentar e fruir esportes de marca, precisão, invasão e técnico-combinatórios, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.

(EF67EF07) Propor e produzir alternativas para experimentação dos esportes não disponíveis e/ou acessíveis na comunidade e das demais práticas corporais tematizadas na escola (BRASIL, 2018)

O processo de avaliação recomendado é a avaliação diagnóstica, formativa e somativa, que consiste em realizar a avaliação em três etapas: diagnóstico dos conhecimentos prévios (diagnóstica), pontuar dificuldades e avanços ao longo do processo (formativa) e avaliar os conhecimentos ao final do processo (somativa). A avaliação através da elaboração de um Portfólio<sup>4</sup> pelos discentes, proporcionando diálogo entre os envolvidos (DARIDO, 2012).

Essa Unidade Didática será composta por seis encontros, sendo quatro deles parcialmente teóricos e parcialmente práticos, e dois deles totalmente práticos. Foi pensada para ser aplicada nos anos finais do Ensino Fundamental, nas turmas de 6º e 7º ano, mas também pode ser aplicada para as turmas de 8º e 9º ano. Pressupõe-se que os alunos não tenham contato prévio algum com a prática, então o nível esperado para a execução dos movimentos é o domínio das formas básicas das habilidades motoras fundamentais.

Abaixo, apresenta-se os fundamentos teóricos que embasam cada aula, sugestões de atividades e uma tabela que apresenta o número de aulas, os saberes a serem desenvolvidos, o caráter das aulas e uma sugestão de atividade.

## 2. CLASSIFICAÇÃO DOS ESPORTES

O primeiro passo para aplicar a UD é diagnosticar o nível de aprendizagem dos alunos. Para trabalhar o objeto de conhecimento “Esporte Técnico-Combinatório” é necessário que os alunos já possuam conhecimento prévio sobre o conceito de esporte e o seu sistema de classificações. Conforme a BNCC

...o esporte “caracteriza-se por ser orientado pela comparação de um

---

acessíveis na comunidade e das demais práticas corporais tematizadas na escola. (BRASIL, 2018).

<sup>4</sup> Darido (2012) afirma que o portfólio se constitui em um conjunto organizado de trabalhos produzidos por um aluno ao longo de um período de tempo. Ele pode incluir textos, projetos, produções, reflexões pessoais dos alunos e não precisa ser organizado necessariamente em papel.

determinado desempenho entre indivíduos ou grupos (adversários), regido por um conjunto de regras formais, institucionalizadas por organizações (associações, federações e confederações esportivas), as quais definem as normas de disputa e promovem o desenvolvimento das modalidades em todos os níveis de competição (BRASIL, 2018)

O documento ainda pontua que tais características não possuem apenas um significado entre os praticantes, assim como toda a prática social, é passível de recriação e se adapta a outros contextos como o lazer, a saúde e a educação.

A principal associação feita às aulas de EF é a prática de esportes, mas por vezes os alunos não sabem explicar o motivo de determinada prática ser considerada um esporte ou não. As práticas mais presentes no cotidiano, como vôlei e futebol, são facilmente assimiladas como esportes, entretanto, manifestações corporais pouco comuns ou até desconhecidas pelos alunos podem ser mais complicadas para que cheguem a algum veredito. Como essa proposta trata de um esporte não popular, é interessante introduzir o conceito de esporte, tanto para compreender o porquê da PA ser um esporte, quanto para proporcionar ao aluno a autonomia para saber caracterizar outras manifestações corporais que venham a cruzar a sua trajetória. Outro conceito importante a ser apresentado previamente é o de Jogos e Brincadeiras, já que muitos os esportes os alunos acabam não tendo a oportunidade de praticar, mas podem vivenciar uma versão adaptada, ou nesse caso, o “Jogo”.

Essa aula tem como objetivo apenas revisar os conceitos de esporte e suas classificações, pressupondo que já tenham sido apresentados aos alunos em outro momento. No caso da ausência deste conhecimento por parte dos discentes, o professor pode desenvolver a temática com o auxílio de outros documentos. O Caderno do Professor do Referencial Curricular - Lições do Rio Grande (2009) disponibiliza uma Unidade Didática exclusiva para esse tema, desenvolvida para três encontros e conta com o auxílio de atividades e conceitos mais simples para os discentes no Caderno do Aluno. Outra contribuição interessante é a de Barroso e Darido (2019), uma intervenção pedagógica que buscou identificar a compreensão e avaliação de oito professores acerca do sistema de classificação dos esportes. Nesse caso, além da proposta de aula, os depoimentos dos docentes ao longo do estudo podem gerar identificação e amenizar inseguranças.

### 3. ESPORTES TÉCNICO-COMBINATÓRIOS

Após retomar o conceito de esporte e suas classificações, vamos nos dedicar a conhecer melhor o objeto de estudo dessa unidade: os esportes técnico-combinatórios. Estão definidos a partir da sua lógica interna na BNCC como modalidades em que o resultado da ação motora comparado é a qualidade do movimento segundo critérios técnico-combinatórios e traz como exemplos a ginástica artística, ginástica rítmica, nado sincronizado, patinação artística e os saltos ornamentais.

Não são modalidades que se configuram entre as mais populares do país e costumam passar praticamente despercebidas na educação básica. Um estudo realizado a partir da análise de práticas esportivas vivenciadas por acadêmicos de Educação Física na educação básica (Sampaio e colaboradores, 2020) mostrou que apenas as modalidades dos esportes de invasão e de rede divisória foram bem desenvolvidas. Já o relato de uma unidade didática sobre a classificação dos esportes nos anos finais do ensino fundamental demonstrou que, após a exposição do conteúdo da classificação, apenas dez dos vinte e cinco alunos foram capazes de atribuir um exemplo de modalidade à essa subcategoria, os demais não apresentaram nenhum exemplo (Farias e colaboradores, 2019).

Ao menos uma década deve separar os relatos dos acadêmicos, da turma de docentes que vivenciou a unidade didática e, em ambos os casos, há ausência de referências sobre os esportes TC. No entanto, duas modalidades chamaram grande atenção do público recentemente ao ingressarem nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020<sup>5</sup>: o surfe e o skate. Considerado um feito histórico pelo presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), Thomas Bach, o ingresso também promoveu um rejuvenescimento da audiência dos Jogos (Folha de São Paulo, 2021). Além do surfe e do skate, os Jogos Olímpicos de Paris 2024 também serão porta de entrada para mais uma modalidade que busca cativar o público jovem: o break dancing. O que todas essas modalidades têm em comum, além do apelo ao público jovem, é a lógica interna de avaliação pautada nos critérios dos esportes TC. É um momento de grande visibilidade para essa subcategoria, fator que contribui para uma melhor assimilação por parte dos discentes.

Para compreender, apreciar e torcer por modalidades TC não é necessário ter

---

<sup>5</sup> Realizado em 2021.

conhecimento do padrão técnico idealizado, assim como para apreciar o futebol não é necessário saber como se denomina uma determinada forma de driblar, basta entender como funciona o acúmulo da pontuação. Essa aula tem como objetivo a compreensão dos critérios que definem um esporte TC e buscar reunir o maior número possível de modalidades vinculadas à categoria. Como material auxiliar para desenvolver esse conteúdo, recomendo novamente buscar o Lições do Rio Grande - Caderno do Aluno (2009), pois comunica a definição com exemplos e termos compreensíveis aos alunos.

#### **4. PATINAÇÃO ARTÍSTICA**

A palavra “patinação” pode ser associada a algumas referências prévias como a patinação no gelo, o patins Inline (popularmente conhecido como “Roller”) e também à estética dos riques de patinação da era Roller Disco, famosos no início da década de 1980 (Poletti, 2009). O primeiro ponto relevante é compreender sobre “qual patinação” estamos falando e para isso é importante saber que patinar é uma ação e não está vinculada exclusivamente a uma manifestação corporal. Assim a PA é apenas uma maneira de apropriação desta ação, que também é presente no Hóquei e em modalidades urbanas como Roller Derby e Inline Downhill.

A PA em si também pode ser dividida nas modalidades no gelo e sobre rodas, seguindo regulamentos e movimentos muito semelhantes entre si, assim como ocorre com o vôlei de quadra e de praia. Essa proposta didática é direcionada para a modalidade sobre rodas, mas para facilitar a associação irei me referir a ela sempre como PA.

Antes de prosseguir ao segundo ponto relevante, é pertinente introduzir o contexto histórico que dá origem à patinação. As informações a seguir foram obtidas no site da CBHP (2018) e da International Skating Union (ISU). Os patins surgem na Noruega como meio de locomoção no gelo, cerca de 1000 a.C. Com o passar dos séculos, deixou de ser apenas um meio de locomoção e se transformou também em uma forma de entretenimento e competição. A adaptação do modelo com lâmina utilizado no gelo para outras superfícies se deu a partir da década de 1870, com o registro da patente do “patim moderno”, similar aos patins sobre rodas que existem hoje.

Ao final do século XIX e início do século XX, a Patinação se tornou uma forma de encontro das elites europeias, proporcionando a criação de riques e parques para a prática. Nessa mesma época a Patinação chegou ao Brasil, também através de membros da elite, que viajavam para a Europa e acabavam conhecendo a prática. Inicialmente era tratada apenas como uma atividade recreativa, mas aos poucos as apresentações se transformaram em competições com voto popular do público presente.

Na metade do século XX, a PA de gelo e de rodas já se organizavam internacionalmente como um esporte, mas no Brasil a adesão a competições oficiais só se intensificou a partir da década de 1970. Até a adesão competitiva, as apresentações e shows eram muito populares no país e são tradição até hoje.

De meio de locomoção a instrumento de competição, os modelos de patins evoluíram para atender as demandas que surgiam, o que nos leva ao segundo ponto importante para conhecer a PA sobre rodas: qual o tipo de patins adequado? Existem dois modelos de patins sobre rodas: *inline* (em linha) e *quad*. O modelo *inline* pode ter quatro ou três rodas, sempre enfileiradas no centro da base (figura 1). Essa configuração das rodas se desempenha melhor em modalidades relacionadas a corridas de velocidade, apesar de também poder ser utilizado para a PA.



Figura 1 - Patins *inline*<sup>6</sup>

Já o modelo *quad* tem quatro rodas, distribuídas em pares dianteiro e traseiro (figura 2), e é o modelo que predomina dentro da PA sobre rodas, em virtude da maior mobilidade do patinador, possibilitando curvas mais fechadas e trocas de direção mais rápidas.

---

<sup>6</sup> Retirado da dissertação “Validação Estrutural de um Novo Conceito de Base de Patim para Iniciação à Patinação” (Souza, 2012)



Figura 2 - patins *quad*<sup>7</sup>

Para além da quantidade e distribuição das rodas, o formato da bota do patins também muda conforme a necessidade de cada prática: altura do cano, altura do salto, dureza, entre outras características. A figura 2 é um exemplo de modelo utilizado na PA.

O terceiro ponto diz respeito aos movimentos que constituem a prática. Aqui é importante ressaltar que a PA, assim como ocorre no atletismo, é um esporte que abrange provas com diferentes características técnicas entre si, definidas como modalidades (CBHP - Regulamento PA 2024, 2023). Além disso, as competições podem ocorrer de forma individual, duplas, quartetos e grupos, a depender da modalidade. As modalidades disponibilizadas são: figuras obrigatórias, open loops, dupla de dança, dupla de dança free dance, solo dance, free dance, solo dance combinado, dupla mista, livre, grupo de show e quarteto.

Com o intuito de facilitar a compreensão daqueles que estão se deparando com a modalidade pela primeira vez, essa proposta didática estará pautada na modalidade Livre Individual. A escolha por essa modalidade se justifica por ser a que teve a maior projeção nacional e também a que aparenta ser a mais popular, a partir da minha vivência no esporte. As informações que serão apresentadas aqui estão baseadas na interpretação dos regulamentos disponibilizados nos sites da World Skate<sup>8</sup>, CBHP<sup>9</sup> e Federação Gaúcha de Patinagem<sup>10</sup> (FGP). Esses regulamentos seguem uma hierarquia e, as versões nacional e estadual visam adaptações para a iniciação esportiva gradual.

O regulamento World Skate - *Free Skating* apresenta três tipos de elementos técnicos: saltos, giros e *footwork sequence*. Os saltos codificados são verticais,

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.solopatin.com/pt/107-alta-competicao>

<sup>8</sup> Órgão internacional que representa os desportos sobre rodas, reconhecido pelo Comitê Olímpico Internacional. Disponível em: <https://www.worldskate.org/>

<sup>9</sup> Confederação Nacional filiada à World Skate. Disponível em: <https://www.worldskate.org/>

<sup>10</sup> Federação filiada à Confederação Brasileira de Hóquei em Patinação pelo estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.fgp.org.br/>



possuem rotação de uma volta<sup>11</sup> na fase aérea e, tanto a fase de impulso, quanto de aterrissagem, são executados sob apoio de apenas um pé. Existem sete saltos codificados que podem ser executados da forma simples (uma volta), duplos, triplos ou quádruplos. São executados isoladamente ou em sequência.

Os giros também são executados sob apoio de apenas um pé e podem variar a partir de três posições de base: *upright*, *sit* e *camel*. Além disso, são diferenciados a partir da direção (para frente ou para trás) e o eixo em que são executados. O eixo é definido como a curva que o patins do pé de base realiza, e é chamado de interno quando o apoio do peso está concentrado na parte medial do pé e externo quando o peso está na parte lateral. Assim como os saltos, podem ser realizados de forma isolada ou em sequência e, para serem validados, o atleta deve manter a posição por três rotações para giros isolados, e duas rotações para giros em sequência.

As *footwork sequences* são sequências compostas por passos, viradas e outros elementos de patinação que cobrem uma determinada parte da pista, em um determinado tempo, de acordo com o exigido para cada nível e modalidade. Os movimentos que compõem esse elemento podem ser compreendidos como os passos de um estilo de dança específico como o Ballet.

O intuito deste trabalho é aproximar a PA das aulas de Educação Física escolar e, para tanto, considero necessário simplificar alguns conceitos, amparado pela lógica da iniciação prevista, principalmente, no regulamento estadual. Desta forma, inclui como elemento técnico, as figuras de alongamento. Também são codificadas e podem ser definidas como posições que devem ser sustentadas por um determinado tempo, com o patins em deslizamento em curva. São muito importantes na iniciação, pois são os primeiros elementos introduzidos aos alunos, após o domínio sobre o equilíbrio e deslizamento no patins, além de serem as posições que serão executadas nos giros, conforme o avanço técnico do patinador.

O quarto ponto relevante é conhecer um pouco dos atletas brasileiros (Patins Nosso Blog, 2020) e internacionais que se destacaram no esporte na modalidade Livre Individual. Janaína Espíndola foi a primeira atleta brasileira a conquistar uma medalha em Jogos Pan Americanos em 1999, ficando em terceiro lugar. Já a primeira brasileira a chegar ao pódio de um campeonato mundial foi a atleta Talitha Haas em 2009, conquistando a medalha de bronze. Esse título só veio a se repetir em 2018, mas dessa vez pela atleta Bruna Wurts. Ambas as atletas também

---

<sup>11</sup> Com exceção ao “Waltz Jump”, salto que é executado apenas com meia volta.

trouxeram medalhas para o Brasil nos Jogos Pan Americanos: Talitha conquistou o bronze em 2011 e prata em 2015; e Bruna conquistou a prata em 2019.

O Brasil também já se destacou no ponto mais alto do pódio em campeonatos mundiais com o atleta Gustavo Casado em 2013, sendo o primeiro atleta da modalidade Livre Individual a atingir essa conquista. Além dele, Felipe Werle sagrou-se campeão mundial da modalidade Figuras Obrigatórias em 2019, ano em que a atleta Gabriela Giraldi também conquistou o ouro na modalidade Solo Dance, a primeira mulher brasileira a chegar ao topo do pódio. Por fim, considerado por muitos o maior atleta da história do país, Marcel Stürmer têm o maior acúmulo de títulos na modalidade Livre Individual. Sagrou-se campeão dos Jogos Mundiais em 2013 e tetracampeão Pan Americano em 2015, conquistando o recorde de primeiro atleta a conquistar quatro medalhas consecutivas na competição.

Os títulos mais recentes do país vieram na modalidade Livre Individual com o atleta Erik Medziu, campeão Pan Americano em 2023, e Bianca Ameixeiro, vice-campeã Pan Americana em 2019 e 2023 (COB, 2023). Outra atleta importante de ser mencionada é o mais novo fenômeno da patinação mundial, a portuguesa Madalena Costa. Desde 2022 a atleta chama atenção e vêm acumulando títulos, sagrando-se campeã mundial júnior em 2023, com apenas 15 anos. A atleta impressiona com notas altas, inclusive superando a nota da campeã da categoria principal, Rebecca Tarlazzi (World Skate, 2023).

#### **4.2. ATIVIDADE SUGERIDA**

Uma discussão que pode surgir em aula é a de que patinação é esporte apenas para meninas e pode causar alguma resistência por parte dos meninos. Aqui surge a oportunidade de se trabalhar questões de gênero que também se apresentam na competência específica número cinco da BNCC: “Identificar as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes”.

#### **5. TRADUZINDO MOVIMENTOS**

Agora vou apresentar exemplos de movimentos adaptados dos elementos<sup>12</sup> utilizados na iniciação que também podem ser executados sem os patins. Treinar os movimentos sem patins é comum no desenvolvimento da PA (Lazzaroni e colaboradores apud Smith, 2000) e auxiliam na coordenação e segurança para desenvolver o movimento com patins. Os movimentos listados abaixo foram selecionados com o intuito de serem vivenciados pelos alunos e a descrição detalhada encontra-se no Anexo I. Algumas nomenclaturas dos movimentos de iniciação não são unânimes entre estados, por tanto optei por nomes que se aproximem do previsto pela World Skate e que facilitem a compreensão dentro das escolas.

## 5.2. FIGURAS DE ALONGAMENTO

São posições que exigem mobilidade articular, flexibilidade e equilíbrio e são validadas quando sustentadas por três segundos. As mais utilizadas na iniciação são: sit em dois pés, sit em um pé, garça e camel (figuras 7, 8, 9 e 10, respectivamente). Também servem como base para desenvolver figuras mais complexas.



Figura 7 - Sit em dois pés, também conhecido como “carrinho de dois pés”. Fonte: elaborado pelo autor

---

<sup>12</sup> O elemento *footwork sequence* não será desenvolvido nessa proposta por se tratarem de movimentos muito específicos da modalidade e, mesmo na forma de iniciação, são complexos para os objetivos aqui expostos.



Figura 8 - Sit em um pé, também conhecido como “carrinho de um pé”. Fonte: elaborado pelo autor



Figura 9 - Garça, também conhecida como Flamingo ou Cadeirinha. Fonte: elaborado pelo autor

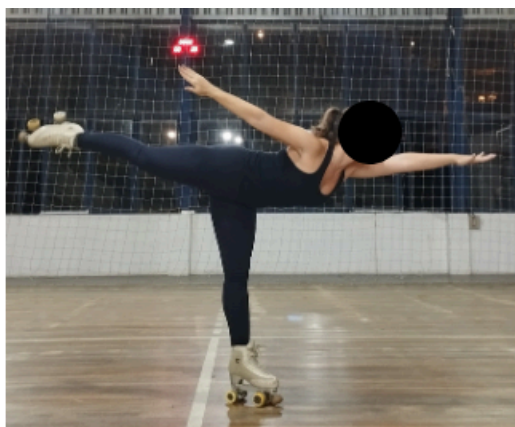


Figura 10 - Camel, também conhecido como avião. Fonte: elaborado pelo autor

### 5.3. GIROS

O treinamento desse elemento sem patins pode ocorrer de duas formas:

executando as posições estáticas, como as figuras de alongamento, ou com o auxílio de uma plataforma com a base côncava que viabiliza rotações. Com o intuito de viabilizar a prática sem a necessidade do acessório, mas com rotações, escolhi adaptar o giro *Heel and Toe* (Figura 11) utilizado na iniciação com o apoio dos dois pés no solo. Assim, os alunos podem vivenciá-lo realizando rotações em torno do próprio eixo. Outra alternativa é fazer o uso de um tecido abaixo do pé em uma superfície escorregadia.



Figura 11 - Heel and toe, também conhecido como giro de dois pés. Fonte: elaborado pelo autor

#### 5.4. SALTOS

Para esse elemento, o objetivo é vivenciar um bom padrão de salto, por isso não será desenvolvido nenhum salto codificado pela World Skate. Os *Saltos* também partem da iniciação impulsionando e aterrissando com os dois pés no chão, mas a evolução demanda desenvoltura para impulsos e aterrissagens com apenas um pé no chão e o acréscimo de rotações verticais. Quando passam a ter rotação, ela tradicionalmente ocorre no sentido anti-horário, mas não há deduções se forem executadas no sentido horário, desde que cumpram com os requisitos estabelecidos. Aqui disponibilizo três alternativas de saltos: impulsionando e aterrissando com os dois pés (figura 12), impulsionando com os dois pés e aterrissando em um pé ou vice e versa, e impulsionando com um pé e aterrissando no pé oposto. O incremento é de livre escolha e tentativa por parte dos docentes.



Figura 12 - salto em dois pés. Fonte: elaborado pelo autor

Esses três pontos dão conta das informações que um professor necessita para entender minimamente o funcionamento da PA e os movimentos que a constituem. A partir deles é possível proporcionar aos alunos a vivência de tais movimentos, bem como a autonomia para diferenciar as informações sobre a patinação que possam se deparar ao longo do caminho, como a transmissão dos Jogos Pan Americanos que conta com a presença da PA ou até mesmo da patinação no gelo nos Jogos Olímpicos de Inverno.

## 6. SISTEMA DE JULGAMENTO DA PATINAÇÃO ARTÍSTICA

Uma vez apresentada a estrutura base da PA e os requisitos para que um esporte se enquadre como Técnico-Combinatório, é hora de conhecer o sistema de julgamento e justificar a presença da PA na categoria de esportes TC. É importante destacar que o esporte está em um momento de transição do regulamento desde 2019, conforme Lazzaroni e Cunha (2021), substituindo o sistema comparativo White (mais subjetivo), ainda presente em algumas modalidades, pelo novo sistema qualitativo Rollart (soma de notas). Neste trabalho vamos discorrer apenas sobre o sistema de julgamento vigente para a modalidade Livre Individual: o sistema Rollart.

### 6.2 SISTEMA ROLLART: SOMANDO PONTOS

Em uma competição de Livre Individual, cada atleta apresenta dois programas montados a partir de músicas que respeitam o tempo máximo estabelecido para o nível destinado, são chamados de programa curto<sup>13</sup> (menor

<sup>13</sup> A partir do resultado do programa curto é designada a ordem de apresentação do programa longo: o último colocado do programa curto é o primeiro a se apresentar no longo e assim por diante (World

tempo de música) e programa longo (maior tempo de música). Para a pontuação final do atleta é feita a soma dos pontos das apresentações e vence aquele que obtiver a maior pontuação.

Tanto o programa curto, quanto o longo, são compostos por elementos obrigatórios e elementos artísticos que são avaliados a partir da soma de duas notas: *elementos executados* (obrigatórios) e *impressão artística* (artísticos). A primeira, soma os valores dos elementos obrigatórios executados (saltos, giros e *footwork sequence*) com suas respectivas deduções ou bonificações, baseadas em critérios estabelecidos no regulamento. A segunda também pode ser chamada de *Componentes do Programa*, pois é avaliada a partir de quatro componentes: *habilidade de patinar*, *transições*, *performance* e *coreografia*.

A *habilidade de patinar* avalia a capacidade geral do atleta de patinar, se tem domínio dos movimentos sem tropeços, se tem boa postura ao patinar...; as *transições* avaliam os movimentos que ligam um elemento ao outro no programa, se tem uma boa variedade de passos ou se contribuem para aumentar o grau de dificuldade do próximo elemento, preferencialmente com o mínimo de deslizamento simples (apenas patinar); *performance* avalia o envolvimento físico, emocional e intelectual do atleta com a música e tema escolhido, é entendida como a interpretação cênica do tema escolhido; a *coreografia* avalia se o programa como um todo é criativo e bem estruturado, se ele se apropria bem dos pontos marcantes da música escolhida. Todos esses critérios possuem definições claras no regulamento do tipo de desempenho que o atleta deve ter para o juiz atribuir uma determinada nota. Na modalidade Livre Individual, o principal objetivo é a execução dos elementos obrigatórios e, para que a nota de *impressão artística* não se sobreponha a de elementos, ela é multiplicada por um fator menor que um, a depender da competição.

De maneira simplificada, podemos dizer que a nota dos *Elementos Executados* representa o grau de dificuldade (dimensão acrobática) e a nota de *Impressão Artística* ou *Componentes do Programa*, a beleza plástica (dimensão estética), caracterizando um esporte TC.

### 6.3. SISTEMA ROLLART - JULGAMENTO

Para que a nota do atleta seja avaliada de forma justa e eficiente, o quadro arbitral é dividido em *painel técnico* e *painel de juízes*, cada um composto por diferentes funções que otimizam o processo de julgamento.

O *painel técnico* é composto por um *especialista técnico* responsável por decidir se os elementos obrigatórios apresentados atingiram os critérios de validação, o nível desses elementos e identificar as quedas (caso houver). Também conta com um *assistente do especialista*, que pode pedir para rever o movimento se discordar da decisão do *especialista técnico* e também é responsável por anunciar o elemento que o atleta vai realizar, conforme o protocolo previamente encaminhado pelo técnico ao quadro arbitral. Ainda no *painel técnico*, o *controlador técnico* é responsável por verificar se as informações chamadas foram corretamente inseridas no sistema e o operador de dados é responsável por inserir tais informações no sistema.

O *painel de juízes* é composto por cinco juízes que avaliam a qualidade dos *elementos técnicos* apresentados e também são responsáveis por avaliar a nota dos *componentes do programa*. O *árbitro (referee)* também atua como juiz, mas é responsável por coordenar a competição, identificando possíveis penalizações e violações de elementos, além de controlar o tempo do programa. Por fim, também faz parte do *painel dos juízes* o *cortador*, pessoa responsável por gravar cada elemento executado e disponibilizar as imagens em caso de necessidade de reavaliar algum elemento.

### 6.4. ATIVIDADE SUGERIDA - JUÍZES

A forma de julgamento de um esporte TC pode parecer complexa num primeiro momento em virtude das especificidades de cada prática, como os nomes, valores e critérios de validação atribuídos a cada elemento executado. Porém, uma vez compreendido o conceito básico que rege essas modalidades, basta um breve momento de observação para se situar minimamente do que está ocorrendo em uma competição.

O objetivo aqui é compreender como ocorre o acúmulo de pontos em um



esporte técnico combinatório e, por se tratar de uma prática que provavelmente os alunos nunca tenham acompanhado alguma competição, pode se esperar que a compreensão de cada papel do quadro arbitral seja difícil de assimilar. Simular o julgamento de uma prova pode ser uma estratégia interessante para auxiliar na compreensão.

Proponho uma atividade de simulação de julgamento, na qual os alunos vão avaliar uma prova de PA a partir do vídeo de um atleta. Para essa atividade o professor irá designar aos alunos as funções do quadro arbitral. O funcionamento e materiais da atividade estão descritos no Anexo II. Aqui o objetivo é que os alunos entendam a função que estão desempenhando e comecem a se familiarizar com os elementos da PA. A atividade será guiada por uma tabela com os elementos a serem executados pelo atleta na ordem que ele apresenta no vídeo, contendo apenas saltos e giros, elementos mais fáceis de identificar. No entanto, os elementos não são o foco da atividade, e sim as funções do quadro arbitral, então não é importante saber exatamente se cada elemento foi validado ou não, mas sim cumprir com o papel que lhe foi designado com os conhecimentos que se tem. Além disso, a ordem dos vídeos da atividade foi escolhida propositalmente, mostrando primeiro um ótimo desempenho e, após, uma apresentação com mais falhas.

Ao observar os vídeos indicados no Anexo II, podem identificar no canto da tela uma caixa que vai acumulando a pontuação do atleta ao longo do programa, conforme vão sendo inseridas as informações do quadro arbitral. Para compreender um pouco melhor o universo das competições da PA recomendo a série “Spin Out” e os filmes “Eu, Tonya” e “Sonhos no Gelo” (avaliar a classificação indicativa no caso de querer recomendar aos alunos). Apesar de todas as produções retratarem a Patinação no gelo, ainda é possível visualizar muitos dos elementos descritos nesse trabalho, como os saltos e giros, além do funcionamento das competições.

## **6.5. ATIVIDADE SUGERIDA - ATLETAS**

O intuito desta atividade é os alunos experimentarem o processo de uma competição. A partir dos exercícios adaptados no Anexo I, o professor distribuirá a tarefa disponível no Anexo III. Dividido em grupos, os alunos deverão montar e

apresentar um programa de patinação que contenha elementos obrigatórios, bem como avaliar a apresentação dos colegas para montar o seu próprio pódio. Buscamos estimular os alunos a escolher o melhor conjunto de elementos, baseado em suas habilidades, pois para conquistar a maior nota não basta executar o elemento que tem a maior nota, é preciso executá-lo bem. Desta forma, pode ser uma estratégia melhor optar por movimentos que a execução é mais fácil ao invés de arriscar movimentos mais difíceis que não atinjam os critérios de validação ou que gerem descontos.

Do ponto de vista da avaliação, o quadro arbitral será adaptado, abrindo mão de algumas funções, mas possibilitando que os alunos experimentem de forma mais clara a posição dos *juízes*, em comparação com a atividade descrita no tópico 6.4. Nesse caso, conhecer e experimentar os movimentos previamente, proporciona maior capacidade para identificar as qualidades que definem uma boa execução ao avaliar os colegas. Para o melhor desempenho dessa atividade, é interessante que os alunos já tenham vivenciado os movimentos dos elementos obrigatórios em aulas anteriores, apenas retomando eles na aula em que essa atividade será aplicada.

## **6.6. ATIVIDADE SUGERIDA - ENCERRAMENTO**

Para o encerramento da Unidade Didática seria interessante vivenciar e/ou apreciar a PA de uma forma mais próxima à realidade da prática. Buscar por profissionais da área e propor aplicar uma grande aula experimental para a turma é a principal recomendação. Uma boa dica é verificar se a instituição em questão oferta a prática de forma extracurricular. Outra alternativa é acessar o site da Confederação Brasileira de Hóquei e Patinação e buscar pela Federação mais próxima da região, a fim de encontrar contatos de escolas de patinação ou professores. Além disso, alguns municípios possuem projetos esportivos voltados para a PA e podem direcionar o professor ao profissional responsável.

Como complemento ou alternativa à aula experimental, as apresentações também podem ser um recurso interessante. O professor pode entrar em contato com esses profissionais para propor que tragam praticantes para se apresentar em aula, ou descobrir eventos aos quais os alunos podem ir assistir, como shows e

competições. Às vezes essas informações podem ser encontradas dentro da própria turma, com alunos que praticam ou praticaram o esporte, também podendo propor que eles se apresentem. No caso de todas essas opções não serem viáveis, ainda pode ser proposto que os próprios alunos busquem por vídeos da prática e assistam ao compilado de informações reunidos por eles.

## 7. UNIDADE DIDÁTICA

<b>AULA</b>	<b>SABERES</b>	<b>CARÁTER</b>	<b>ATIVIDADE SUGERIDA</b>
<b>1</b>	Diagnóstico e retomada sobre o conteúdo: o conceito de esporte e suas classificações.	Teórico/Prático	Retomar o conceito de esporte e suas classificações; assimilar os esportes olímpicos reconhecidos às classificações; Proposição do Portfólio (atividade avaliativa).
<b>2</b>	Esportes Técnico-Combinatórios: quais são e suas características	Teórico/Prático	Apresentação dos conceitos dos esportes técnico-combinatórios; Identificação de esportes TC; Criar uma modalidade TC a partir de elementos da cultura corporal do movimento.
<b>3</b>	Conhecendo a Patinação Artística: características e movimentos adaptados	Teórico/Prático	Apresentação das características da PA; Vivência dos movimentos adaptados.
<b>4</b>	Sistema de Julgamento da PA: a soma dos pontos e as funções do quadro arbitral	Teórico/Prático	Apresentação do sistema de julgamento; Atividade exercitando o julgamento; retomada dos movimentos adaptados.
<b>5</b>	Programa de competição: atendendo às lógicas do regulamento e	Prático	Elaboração de um programa de patinação e avaliação.

	executando movimentos adaptados		
6	Encerramento: ver e/ou viver a prática	Prático	Vivência e apreciação da prática e entrega do Portfólio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das pesquisas realizadas para construir esse trabalho, pude confirmar uma suspeita que me acompanhava desde o início: pouco se trabalha e se sabe sobre os esportes técnico-combinatórios na educação básica. Não encontrei nenhuma causa específica para isso, mas especulo que a tendência tradicional da educação física escolar em focar no desenvolvimento de gestos técnicos possa contribuir, já que esses esportes partem de habilidades pouco tradicionais. Assim, torna-se difícil desenvolver uma prática que não se tem domínio e que o padrão técnico exigido é alto. Por outro lado, a tendência mais atual de ampliar os conteúdos das aulas para atender a diferentes elementos da cultura corporal do movimento também pode influenciar, uma vez que ela surge da necessidade de repensar a educação física esportivista. Talvez ambos os fatores se correlacionam pela dificuldade de enxergar os esportes para além do gesto técnico e competição, tendo o desempenho como único foco de reprodução. O fato é que, ao longo de toda a graduação também vi os esportes TC serem pouco retratados, e esse trabalho serviu para discutir e me apropriar dos conceitos aprendidos ao longo da graduação para poder instruir outros professores sobre essa prática que atravessa a minha existência.

Como praticante e professora, sempre quis ver a patinação reconhecida e valorizada, não apenas pelo desempenho em competições, mas principalmente pela capacidade que ela tem de encantar. Aos olhos dos leigos, acredito que ela é complexa de entender como esporte e com pouca visibilidade para ser entendida como arte. Assim, essa Unidade Didática também pode ser entendida como uma forma de afirmar a patinação como esporte e de abrir caminhos para que possa ser apreciada como arte. Acredito que ela seja uma boa ferramenta para professores que não sabem como introduzir os esportes técnico-combinatórios nas aulas,

principalmente se eles não têm experiências relevantes com práticas da categoria. Além disso, pode servir como base para a elaboração de unidades didáticas voltadas para outros esportes técnico-combinatórios, bem como uma referência descomplicada para quem quiser conhecer mais sobre a PA.

No entanto, reconheço que, por se tratar de uma temática pouco estudada, posso ter deixado algumas pontas soltas. Ainda que um dos objetivos desse estudo seja democratizar o acesso à PA, o fato dela ser um esporte elitizado, limita a experiência mais sensibilizante que ele pode provocar: a prática. Também compreendo que as informações acerca do regulamento não refletem detalhadamente os documentos, em virtude do foco escolhido para o estudo. Outro fator limitante é a ausência da experiência de campo, a qual poderia “calibrar” a estrutura proposta. Por esses fatores entendo que esse é apenas um ponto de partida para outras produções que possam analisá-lo de forma crítica e preencher as lacunas que ele deixa. A partir dele, podem ser desenvolvidos trabalhos como relatos da aplicação do mesmo nas aulas, estudos acerca da ausência dos esportes técnico-combinatórios nas aulas de educação física e a democratização de esportes elitizados nas escolas brasileiras.

Quanto às implicações práticas dessa unidade, destaco mais uma vez a possibilidade de buscar profissionais da patinação para auxiliar tanto na compreensão das informações que aqui constam, quanto para realizar adaptações acerca dos movimentos ou até mesmo adaptá-la para ser desenvolvida com a prática sobre os patins em mais aulas, se for viável. Também podem ter relações interdisciplinares com a sociologia trabalhando as questões de gênero; com a história para entender o contexto histórico do seu desenvolvimento no Brasil; ou com as artes, desenvolvendo apresentações que passem mensagens significativas. Enfatizo mais uma vez a necessidade dos professores não se aterem apenas a esse documento para desenvolver a prática, mas também pesquisarem tanto nas fontes aqui disponibilizadas, quanto em outras, para adaptar as suas realidades.

Por fim, recorro de uma pauta que me foi apresentada enquanto adolescente, sobre a dispensabilidade de uma formação em Educação Física para professores de patinação, bem como retomo a afirmação na introdução desse trabalho sobre não vislumbrar a licenciatura. De fato, a graduação não me ensinou nenhum conteúdo específico sobre a Patinação Artística, mas me possibilitou desenvolver estratégias para que, diferente da minha experiência pessoal, a patinação possa encantar e

fazer parte da trajetória de outras pessoas dentro das aulas de educação física.

## REFERÊNCIAS

BARROSO, André Luís Ruggiero; DARIDO, Suraya Cristina. **Compreensão e avaliação de um modelo de classificação do esporte na educação física escolar: visão de professores. Educação Física, Esporte e Saúde**, Campinas: SP, v. 17, e0190011, p. 1-21, 2019. ISSN: 1980-9030. DOI: 10.20396/conex.v17i0.8654139. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8654139/21026>. Acesso em: 2 fev. 2024.

BETTI, Irene Conceição Rangel. **Esporte na escola: mas é só isso, professor?** Motriz, Volume 1, Número 1, p. 25-31, junho de 1999.

BRANT, Tiago. **Surfe e skate promoverão o rejuvenescimento da audiência olímpica.** Folha de São Paulo, São Paulo, 23 jul. 2021. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2021/07/surfe-e-skate-promoverao-rejuvenescimento-da-audiencia-olimpica.shtml>. Acesso em: 2 fev. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BUNGI, Francine Schuch. **O percurso com a patinação artística e as possibilidades de atuação na Educação Física escolar**. 2017. 32 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Porto Alegre, 2017.

CLASSIFICAÇÃO DOS ESPORTES NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: RELATO DE UMA UNIDADE DIDÁTICA. In: XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2019, Natal. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2019. Disponível em: <<https://proceedings.science/conbrace-2019/trabalhos/classificacao-dos-esportes-no-s-anos-finais-do-ensino-fundamental-relato-de-uma-u?lang=pt-br>> Acesso em: 02 fev. 2024.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HÓQUEI E PATINAÇÃO. Disponível em: <https://www.cbhp.com.br/>. Acesso em: 2 fev. 2024.

DAHLKE, Ana Paula, FRAGA, Alex Branco. DCN, SUS e Educação Física: ecos da discursividade biomédica na avaliação estudantil dos currículos 2012-2017. In: ESPÍRITO-SANTO, G.; WACHS, F.; OLIVEIRA, V. J. M.; CARVALHO, F. F. B. Formação em saúde e educação física. Embu das Artes, SP: Alexa; Manaus, AM: EDUA, 2024. p. 339-369.

DARIDO, Suraya Cristina. **A avaliação da educação física na escola**. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 127-140, v. 16. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/41554>. Acesso em: 2 fev. 2024.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE PATINAGEM. **Regulamentos**. Disponível em: <https://www.fgp.org.br/index.php/regulamentos>. Acesso em: 2 fev. 2024.

WORLD SKATE. Disponível em: <https://www.worldskate.org/>. Acesso em: 2 fev. 2024.

FRAGA, A. B.; WACHS, F.; NUNES, R. V.; BOSSLE, C. B.; BASTOS, A. P. P.; BREUNIG, F. F. **ALTERAÇÕES CURRICULARES DE UMA ESCOLA SEPTUAGENÁRIA: UM ESTUDO SOBRE AS GRADES DOS CURSOS DE FORMAÇÃO SUPERIOR EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEF/UFRGS**. Movimento,

[S. l.], v. 16, n. 5, p. 61–95, 2011. DOI: 10.22456/1982-8918.18232. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/18232>. Acesso em: 2 fev. 2024.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FRAGA, Alex Branco. **Afazeres da Educação Física na Escola: Planejar, Ensinar e Partilhar**. 1. ed. Erechim: Edelbra, 2012. 208 p. (Disponível mediante solicitação ao proprietário ou na Biblioteca da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. ISBN 978-85-360-1111-0.

ILHA, Franciele Roos da Silva; HYPOLITO, Álvaro Moreira. **Esportivização da Educação Física Escolar: Um Dispositivo e seus Regimes de Enunciação**. Movimento, vol. 22, núm. 1, enero-marzo, 2016, pp. 173-186 Escola de Educação Física Rio Grande do Sul, Brasil

INTERNATIONAL SKATING UNION. ISU History. Disponível em: <https://www.isu.org/inside-isu/about/history>. Acesso em: 2 fev. 2024.

LAZZARONI, P. M.; CUNHA, G. DOS S. **Patinação artística sobre rodas: uma revisão narrativa**. RBPFEEX - Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício, v. 15, n. 97, p. 385-392, 6 ago. 2022.

LAZZARONI, P. M.; LISBOA, S. C.; PECHINA, M. D.; ROCHA, G. G.; MACHADO, C. L. F.; TEODORO, J. L.; GRAZIOLI, R.; CUNHA, G. DOS S. **Perfil físico e fisiológico de jovens atletas da patinação artística sobre rodas**. RBPFEEX - Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício, v. 15, n. 96, p. 252-262, 7 nov. 2021.

MENDEL, Marcelo Moura. **Além do “Quarteto Fantástico”: a diversificação dos conteúdos da Educação Física por meio de um planejamento participativo**. 2023. 212 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, e Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – NEAD/UNESP. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/57990>. Acesso em: 2 fev. 2024.

PARDO, Cindya Katerine. **Patinação: Uma Alternativa nas Aulas de Educação Física**. 2015. 27 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), Faculdade de Ciências da Educação e Saúde (FACES), Brasília, 2015.

PATINS - NOSSO BLOG. **Conheça os grandes nomes da Patinação Artística no Brasil**. Disponível em: <https://blog.patins.com.br/conheca-os-grandes-nomes-da-patinacao-artistica-do-brasil/>. Acesso em: 2 fev. 2024.



POLETTI, R. (2009a) **The residual culture of roller rinks: Media, music and nostalgia of Roller Skating**, The residual culture of roller rinks: media, music and nostalgia of roller skating. thesis. McGill University. Disponível em: <https://escholarship.mcgill.ca/concern/theses/0c483k26f>. Acesso em: 2 fev. 2024.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial Curricular do Rio Grande do Sul – Lições do Rio Grande: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias – Artes e Educação Física**. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul, 2009, v. 2.

ROSENBAUM, Luciane Santos. **Na prática, a teoria é outra: os resultados das pesquisas e sua influência nas salas de aula**. Educação Pública, 2014, DOI: 10.18264/REP. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/14/36/na-prtica-a-teoria-outra-os-resultados-das-pesquisas-e-sua-influncia-nas-salas-de-aula>. Acesso em: 2 fev. 2024.

SAMPAIO, João Márcio Fialho et al. **O esporte na vida escolar: um estudo a partir das experiências de acadêmicos de Educação Física**. Research, Society and Development, v. 9, n. 9, e119996319, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i9.6319>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/6319/6244>. Acesso em: 2 fev. 2024.

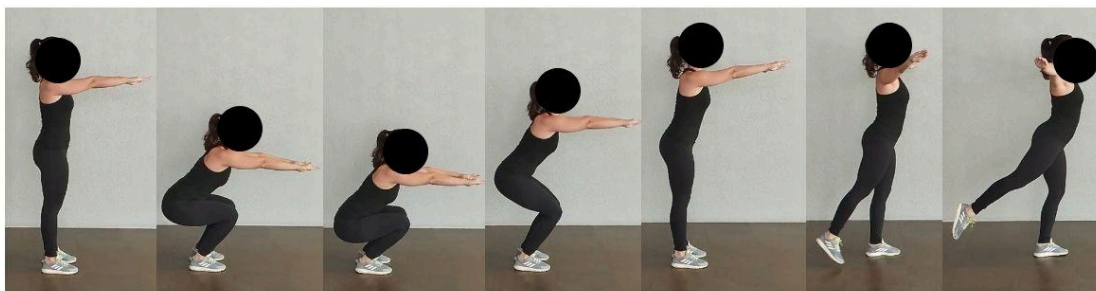
SOUSA, Emanuel Soares de. **Validação estrutural de um novo conceito de base de patim para iniciação à patinação**. 2012. Tese de Mestrado Integrado em Engenharia Mecânica - Faculdade de Engenharia, Universidade do Porto, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/68124>. Acesso em: 2 fev. 2024.

## ANEXOS

### ANEXO I - ELEMENTOS DA PATINAÇÃO

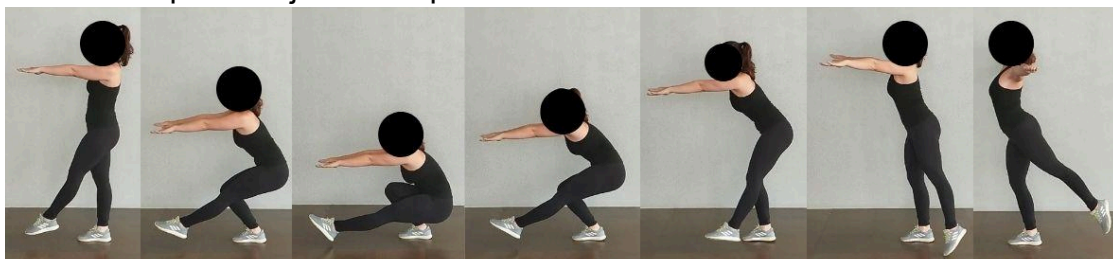
**FIGURAS DE ALONGAMENTO:** todas as figuras aqui descritas devem ser executadas sem rotação. Qualquer alteração no plano apresentado nas imagens é apenas para visualizar melhor o movimento.

1. Sit em dois pés: agachamento em isometria por três segundos com ângulo da articulação do joelho igual ou inferior a 90°, finalizando com verticalização e extensão do quadril e joelho da perna esquerda.



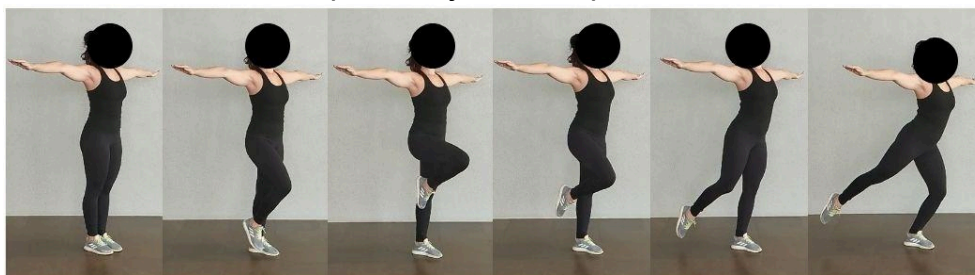
Fonte: elaborado pelo autor

2. Sit em um pé: partindo da posição vertical sob apoio de apenas um pé, agachar e manter isometria por três segundos com ângulo da articulação do joelho igual ou inferior a  $90^\circ$  e perna livre em extensão, finalizando com verticalização em um pé e extensão do quadril e joelho da perna livre.



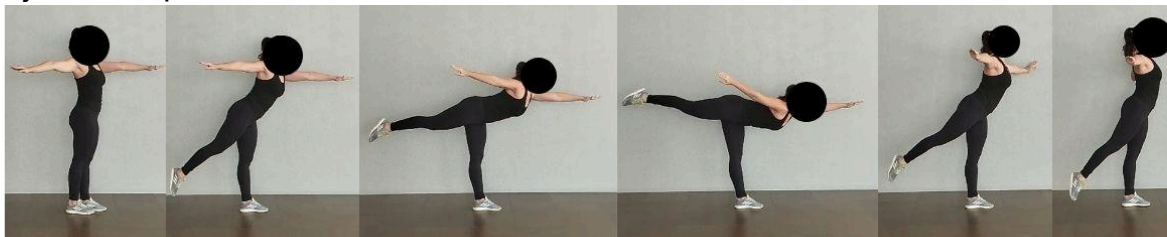
Fonte: elaborado pelo autor

3. Garça: flexão unilateral do quadril da perna livre em isometria por três segundos, mantendo o pé da perna livre alinhado com a perna de base, finalizando com extensão do quadril e joelho da perna livre.



Fonte: elaborado pelo autor

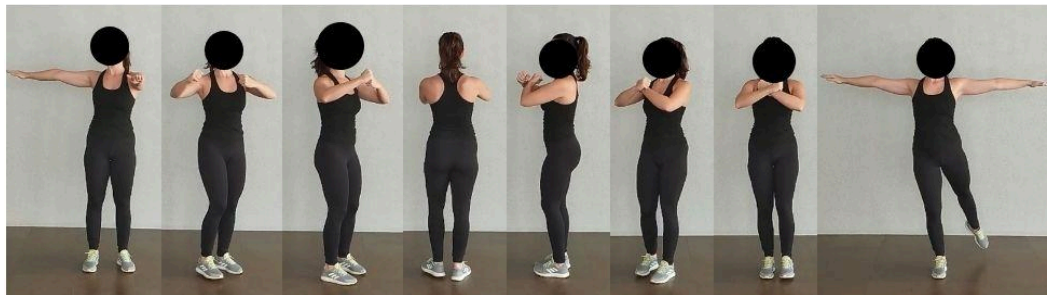
4. Camel: alinhamento da cabeça e do pé da perna livre na altura do quadril em isometria por três segundos, finalizando com a verticalização e extensão do quadril e joelho da perna livre.



Fonte: elaborado pelo autor

**GIROS**

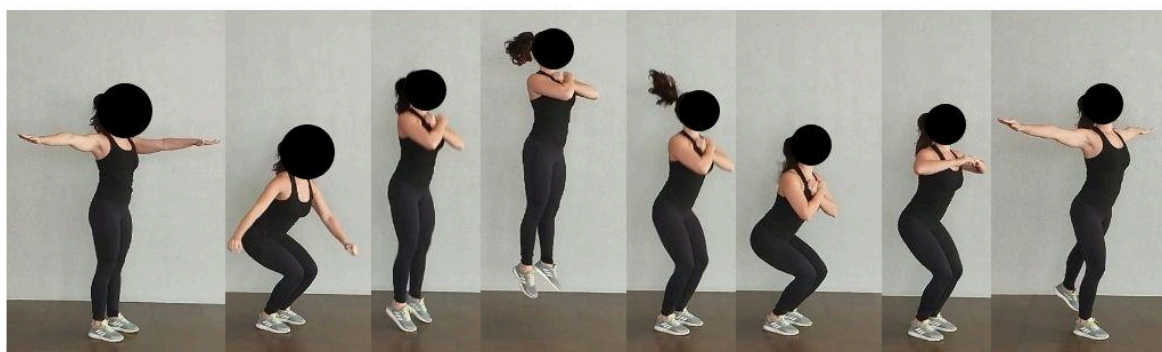
1. Giro de dois pés: inicia parado com o braço esquerdo no plano frontal e o direito no plano lateral, levando ambos ao peito ao realizar a rotação no sentido anti-horário, finalizando com a perna esquerda em extensão. Pode ser realizada no sentido horário e, nesse caso, espelha-se o movimento descrito.



Fonte: elaborado pelo autor

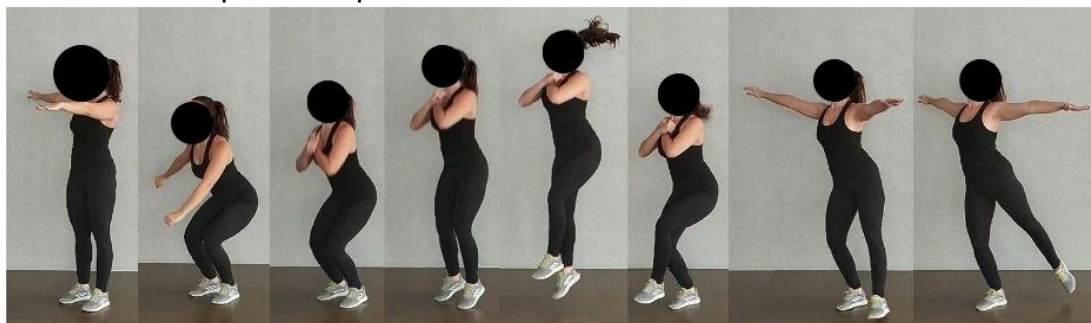
**SALTOS:** todos os saltos aqui descritos são exemplos sem rotação. Qualquer alteração no plano apresentado nas imagens é apenas para visualizar melhor o movimento. A rotação pode ser incluída em todos os saltos aqui descritos, nesse caso, ocorre na fase aérea.

1. Salto de dois pés: braço esquerdo no plano frontal e o direito no plano lateral, levando ambos em direção ao peito ao realizar a fase aérea, impulsionando e aterrissando com os dois pés e finalizando com a extensão do quadril e joelho da perna esquerda.



Fonte: elaborado pelo autor

2. Salto um/dois pés: impulso igual ao salto 1, mas aterrissagem ocorre apenas com o pé direito e a sustentação da perna esquerda à frente da perna direita, finalizando com a perna esquerda em extensão.

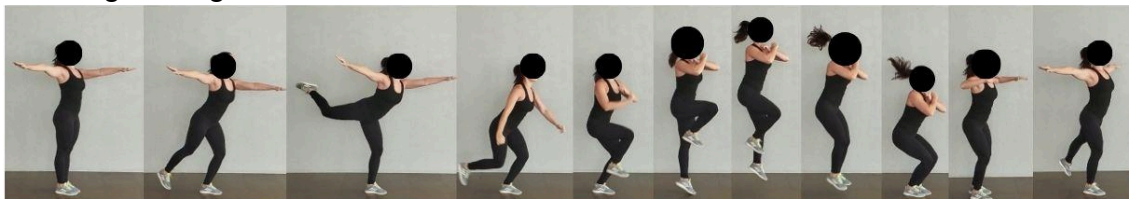


Fonte: elaborado pelo autor

3. Salto um/dois pés: fase de impulso sob o pé esquerdo e perna direita faz um

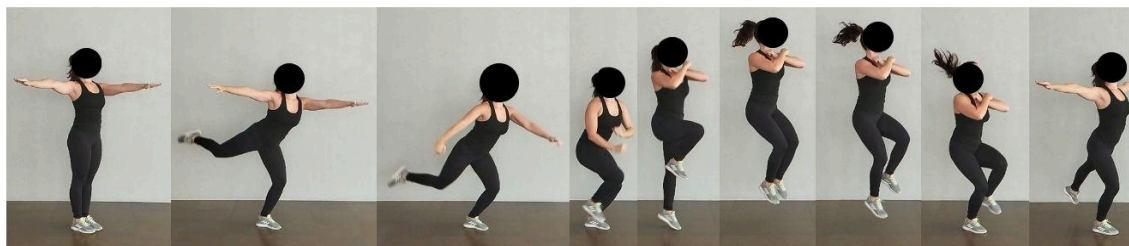


balanço, saindo da extensão para a flexão, que leva a fase aérea. A fase de aterrissagem é igual ao salto 1.



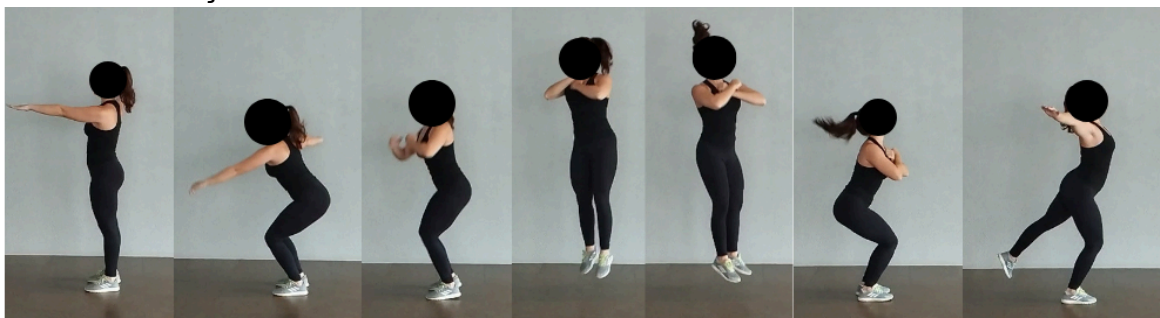
Fonte: elaborado pelo autor

4. Salto em um pé: impulso igual ao salto 3, trocando a perna de base na fase aérea e aterrissando como o salto 2.



Fonte: elaborado pelo autor

Salto com rotação:



Fonte: elaborado pelo autor

## ANEXO II - ATIVIDADE JULGAMENTO

**Objetivo:** vivenciar os diferentes papéis do quadro arbitral da patinação artística.

**Atividade:** a partir do vídeo de um atleta, os alunos devem exercer a função do julgamento que lhes foi designada. Ao final da análise, somar todos os valores atribuídos pelos juízes aos respectivos valores de base dos elementos.

**Funções:**

- *Assistente do especialista* (1): anuncia o elemento antes da execução do

mesmo, a partir do protocolo do atleta.

EX: se o primeiro elemento do protocolo é um salto isolado e o segundo um giro isolado, o especialista deve anunciar o primeiro elemento logo após o início do programa e o segundo elemento após a execução do primeiro e assim por diante;

- *Especialista técnico* (1): anuncia se o elemento executado foi validado. Em caso de confirmação anuncia “elemento confirmado”, caso contrário, anuncia “elemento não confirmado”. Também é responsável por anunciar “queda”, se identificar que o atleta caiu em qualquer momento do programa.

EX: atleta executa um giro e, ao final do elemento, o especialista dá o seu veredito;

- *Operador de dados* (1): anota os elementos executados e se eles foram ou não confirmados pelo especialista;
- *Controlador técnico* (1): verifica se o *operador de dados* anotou as informações corretamente;
- *Árbitro* (1): cronometra o tempo do programa a partir do primeiro movimento do atleta e informa quando atingir o tempo máximo.
- *Juiz* (3 ou 5): atribuem um valor de 1 a 3 a TODOS os elementos anunciados pelo *assistente do especialista*, independentemente da validação do *especialista técnico*. Ao final do programa, também deve atribuir o valor de 1 a 3 para o desempenho artístico do atleta (se a coreografia foi interessante, bonita, se o atleta interpreta bem o tema, etc...);
- *Cortador*: controla o vídeo.

### **Disposições Gerais:**

- As funções *assistente do especialista*, *operador de dados*, *controlador técnico* e *juiz*, vão receber tabelas para serem preenchidas conforme a sua função.
- Em caso de dúvidas do *especialista técnico*, ao invés de confirmar ou não o elemento do atleta, ele pode anunciar “reavaliar”. Para os elementos que ele anunciar dessa forma, ao final do programa, o *cortador* irá retomar o momento do vídeo em que há a dúvida para o veredito do *especialista*.
- Na nota final, só serão contabilizados os valores atribuídos pelos *juizes* aos elementos que foram confirmados pelo *especialista*.

- Os valores de base dos elementos que constam no protocolo, devem ser somados aos valores atribuídos pelos juízes para a nota final. Para os elementos que não forem confirmados, o valor de base também não deve ser contabilizado para a nota final.
- Para cada queda registrada, deve-se subtrair 1 ponto da nota final.

1. <https://www.youtube.com/watch?v=XqQe7Gku48Y>

<b>PROTOCOLO DO ATLETA</b> (assistente do especialista)	
<i>Assistente do especialista:</i> anuncia o elemento antes da execução do mesmo, a partir do protocolo do atleta.	
<b>Ordem</b>	<b>Elemento</b>
1	Salto Isolado
2	Sequência de Saltos
3	Sequência de Giros
4	Salto Isolado
5	Giro Isolado

Fonte: elaborado pelo autor

<b>PROTOCOLO DO ATLETA</b> (juízes)	
<i>Juiz:</i> atribuem um valor de 1 a 3 a TODOS os elementos anunciados pelo <i>assistente do especialista</i> , independentemente da validação do <i>especialista técnico</i> . Ao final do programa, também deve atribuir o valor de 1 a 3 para o desempenho artístico do atleta (se a coreografia foi interessante, bonita, se o atleta interpreta bem o tema, etc...);	
<b>Elementos</b>	<b>Nota (1 a 3)</b>
1. Salto Isolado	
2. Sequência de Saltos	
3. Sequência de Giros	
4. Salto Isolado	

5. Giro Isolado	
Impressão artística	
<b>TOTAL</b>	

Fonte: elaborado pelo autor

<b>PROTOCOLO DO ATLETA</b> (operador de dados e controlador técnico)				
<i>Operador de dados:</i> anota os elementos executados e se eles foram ou não confirmados pelo especialista;				
<i>Controlador técnico:</i> verifica se o <i>operador de dados</i> anotou as informações corretamente;				
<b>Tempo mínimo:</b> 2min40s		<b>Tempo máximo:</b> 2min50s		
<b>Elementos</b>	<b>Confirmado sim ou não</b>	<b>Valor de Base</b>	<b>Soma nota Juízes</b>	<b>Valor de Base + Notas Juízes</b>
1. Salto Isolado		<b>5</b>		
2. Sequência de Saltos		<b>10</b>		
3. Sequência de Giros		<b>10</b>		
4. Salto Isolado		<b>5</b>		
5. Giro Isolado		<b>5</b>		
Impressão artística	-	<b>5</b>		
<b>TOTAL</b>				

Fonte: elaborado pelo autor

2. <https://www.youtube.com/watch?v=5TOqvlaCewg&list=PL5YJxBuIYTIwF1E4floTtOUcM5LTbkzK&index=167>

<b>PROTOCOLO DO ATLETA</b> (assistente do especialista)	
<i>Assistente do especialista:</i> anuncia o elemento antes da execução do mesmo, a partir do protocolo do atleta.	
<b>Ordem</b>	<b>Elemento</b>

1	Salto Isolado
2	Salto Isolado
3	Sequência de Saltos
4	Giro Isolado
5	Sequência de giros

Fonte: elaborado pelo autor

<b>PROTOCOLO DO ATLETA</b> (juízes)	
<p><i>Juiz:</i> atribuem um valor de 1 a 3 a TODOS os elementos anunciados pelo <i>assistente do especialista</i>, independentemente da validação do <i>especialista técnico</i>. Ao final do programa, também deve atribuir o valor de 1 a 3 para o desempenho artístico do atleta (se a coreografia foi interessante, bonita, se o atleta interpreta bem o tema, etc...).</p>	
<b>Elementos</b>	<b>Nota (1 a 3)</b>
1. Salto Isolado	
2. Salto Isolado	
3. Sequência de Saltos	
4. Giro Isolado	
5. Sequência de giros	
Impressão artística	
<b>TOTAL</b>	

Fonte: elaborado pelo autor

<b>PROTOCOLO DO ATLETA</b> (operador de dados e controlador técnico)				
<p><i>Operador de dados:</i> anota os elementos executados e se eles foram ou não confirmados pelo especialista;</p> <p><i>Controlador técnico:</i> verifica se o <i>operador de dados</i> anotou as informações corretamente;</p>				
<b>Tempo mínimo:</b> 2min40s		<b>Tempo máximo:</b> 2min50s		
<b>Elementos</b>	<b>Confirmado sim ou não</b>	<b>Valor de Base</b>	<b>Soma nota Juízes</b>	<b>Valor de Base +</b>



				Notas Juízes
1. Salto Isolado		5		
2. Salto Isolado		10		
3. Sequência de Saltos		10		
4. Giro Isolado		5		
5. Sequência de giros		5		
Impressão artística	-	5		
<b>TOTAL</b>				

Fonte: elaborado pelo autor

### ANEXO III - ATIVIDADE PROGRAMA

**Objetivo:** elaborar e apresentar um programa de Patinação Artística através dos elementos adaptados vivenciados em aula e simular a avaliação deste programa em uma competição.

**Atividade:** em grupos, os alunos devem escolher uma música para montar um programa de Patinação Artística, cumprindo com os elementos obrigatórios exigidos e desenvoltura artística, podendo incorporar outros elementos das danças e ginásticas para deixar a coreografia mais interessante. Após finalizar a elaboração dos programas, os alunos irão apresentar, enquanto os outros grupos realizam a avaliação dos elementos e da Impressão Artística do programa. As funções desempenhadas pelos grupos no momento da arbitragem são as seguintes: árbitro, especialista técnico, operador de dados e juízes. Ao final da atividade, cada grupo deve montar seu pódio com as notas dos demais grupos.

#### Disposições Gerais:

- As apresentações podem ser em grupo ou individuais. Quando optarem por apresentar em grupo, a avaliação dos juízes deve ser baseada na execução

de todos envolvidos na apresentação. Fica a critério do grupo escolher a melhor estratégia;

- Cada grupo recebe uma tabela de critérios de avaliação, uma de tabela de valores e o número de tabelas de “Protocolo do Atleta” correspondente ao número de grupos que vão avaliar;
- Na nota final, só serão contabilizados os valores atribuídos pelos *juízes* aos elementos que foram confirmados pelo *especialista*.
- Os valores de base dos elementos que constam na tabela de valores, devem ser somados aos valores atribuídos pelos juízes para a nota final. Para os elementos que não forem confirmados, o valor de base também não deve ser contabilizado para a nota final.
- Para cada queda registrada, deve-se subtrair 1 ponto da nota final.

<b>CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO</b>	
<b>Tempo máximo:</b> 1 minuto	
<b>Elementos obrigatórios</b>	<b>Críticos de validação</b>
Duas (2) <i>figuras de alongamento</i> diferentes.	Sustentar a posição por três segundos (sem contar a finalização); Atingir os critérios de posição.
Um (1) salto com ou sem rotação.	Posição inicial clara (braços em “L”) e finalização; O acréscimo de rotações também aumenta a nota do elemento.
Um (1) giro	Realizar ao menos três rotações. O acréscimo de rotações também aumenta a nota do elemento.
<b>Impressão artística</b>	<b>Críticos de avaliação</b>
Habilidade de “patinar”	Realizar os movimentos sem desequilíbrios e quedas;
Performance	Expressões faciais e corporais de acordo com o ritmo da música e são cativantes
Coreografia	Passos utilizados são interessantes e criativos, além de deixar a execução dos elementos mais difícil.

Fonte: elaborado pelo autor

<b>TABELA DE VALORES</b>		
<b>Elemento</b>	<b>Valor de Base</b>	<b>Bônus</b>
Carrinho de dois pés	1	-
Carrinho de um pé	2	-
Garça	1	-
Avião	3	-
Salto com dois pés	1	0,5 a cada meia volta
Salto com um/dois pés	2	0,5 a cada meia volta
Salto com um pé	3	0,5 a cada meia volta
Giro	1	0,5 a cada volta extra
Impressão artística	1 (para cada componente)	-

Fonte: elaborado pelo autor

<b>PROTOCOLO DO ATLETA</b>				
<p><i>Árbitro:</i> cronometra o tempo;  <i>Especialista técnico:</i> confirma ou não a execução dos movimentos;  <i>Operador de dados:</i> anota os elementos executados e se eles foram ou não confirmados pelo especialista;  <i>Juízes (2):</i> atribuem nota de 1 a 3 a cada elemento executado e a cada componente da impressão artística.</p>				
<b>Tempo máximo:</b> 1 minuto				
<b>Elementos</b>	<b>Confirmado sim ou não</b>	<b>Valor de Base</b>	<b>Soma nota Juízes</b>	<b>Valor de Base + Notas Juízes</b>
1. Figura de alongamento				
2. Figura de alongamento				
3. Salto				
4. Giro				

<b>Impressão artística</b>				
Habilidade de "patinar"	-	<b>1</b>		
Performance	-	<b>1</b>		
Coreografia	-	<b>1</b>		
<b>TOTAL</b>				

Fonte: elaborado pelo autor